



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Antônio Rodrigues Rodolfo FG187

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.018.SIN e TRA

Entrevistado/a: Antônio Rodrigues Rodolfo

Entrevistador/a/es: Ana Spiandorelo Zanini e Sônia Storch Fries

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 14 de novembro de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

História de vida, profissões, casamento e filhos. O ofício de madrinheiro: funções.

Tropeiros: importância, o exercício da profissão. Considerações sobre a profissão de tropeiro.

Profissão caminhoneiro: o exercício da profissão.

Tropas: organização. Doma de animais (mulas). Acessórios de montaria.

Comitivas: alimentação, pouso, conto de causos (anedotas), amizade entre os tropeiros. Transporte das tropas: rotas. Comercialização de mercadorias.

O fazendeiro Gaspar Assis (preocupação com os animais).

Casas de pouso.

História familiar: Augusto e Aécio Rodolfo.

Religião: construção de uma igreja no caminho de Torres.

Transcrição:

Sônia: Seu Antônio, o seu nome completo, a data do seu nascimento, onde o senhor nasceu?

Antônio: Antônio Rodrigues Rodolfo, onze de abril de 1927, nasci na Fazenda Rosa, para lá do Juá, lá em cima.

Sônia: Seu Antônio, o que o senhor se lembra da sua infância, da profissão do seu pai?

Antônio: Ah, me lembro! Me lembro principalmente dos negócios de tropeadas que ele fazia, tropeiros. Quando ele saía de casa, levava dez dias pra voltar, nós ficávamos esperando, porque na volta ele sempre trazia novidades, principalmente rapaduras, que nós, a gurizada gostava muito de rapaduras, rapadura, puxa-puxa, então nós distribuíamos para os nossos amiguinhos. E era isso, brincando, também trabalhando, ajudando a mãe. Ela mandava nós fazer fogo no forno, quando ela

precisava fazer pão, mandava nós varrer os galpões, mandava nós fazer o serviço de casa, ajudar ela, né. Depois que fui ficando maior, aí comecei a..., fui de madrinheiro com o meu pai, ia puxando a tropa, e então fui aprendendo também.

Sônia: Só explica, seu Antônio, o que é ser madrinheiro? Como é que era organizada uma tropa?

Antônio: Como era organizada uma tropa? A tropa era organizada com o chefe da tropa, com o madrinheiro, o madrinheiro era aquele que puxava a tropa, puxava esse animal madrinho, o animal cavalar com cincerro. O cincerro ia batendo e a mulada ia atrás, ia certo. Então, esse é o madrinheiro, o que vai na frente. Depois tinha mais o ajudante do tropeiro, porque tinha três, quatro homens da tropa, dependendo da tropa, dependendo do número de muares, quantos tinha, precisava mais gente pra ajudar. E era isso aí a formação da tropa. A tropa é formada com..., quase sempre com dezoito, vinte cargueiros, e ali precisa no mínimo três homens e um madrinheiro. Então, pra formar essa tropa, você tinha que ter também aqueles muares que eles não eram, que não eram mansos, que você tinha que amansar, pra dar continuidade naquilo. Então, pra amansar essas mulas, você tinha que laçar elas, botar o buçal e amarrar num palanque. Então ela se atirava, se largava para os lados e você tinha que pegar uma barrigueira e apertar bem a barriga dela para ela ir acostumando, para ela ir amansando, para ela acostumar para depois poder botar carga. Porque a carga, era posto o baixeiro, chama-se baixeiro, em cima do lombo, depois uma cangalha, apertava bem aquela cinta e ela já estava acostumada, a mula nova. Depois punha as bruacas e arreatava, botava um ligário em cima para arreatar o cargueiro, pra ficar firme. Então, ela ia com essa com menos carga pra ir se acostumando, ia se formando a tropa. Porque a tropa não é só formada de..., tem que ser todas as coisas que um tropeiro precisa, além do número de homens, precisava de um cargueiro para levar o alimento, né. Ali se levava paçoca, charque, arroz, todo tipo de alimento que nós precisávamos para a viagem, café. Então, esse é um cargueiro separado, aquele não vai carregado com outros alimentos, com outras coisas de venda. Então, a tropa é formada com mulas mansas e mulas xucas, para irem aprendendo. Assim como, voltando atrás, na profissão de tropeiro precisa ter os guris, os madrinheiros, que vão aprendendo, porque tropeiro, além de ser uma profissão, porque era uma profissão, era uma necessidade. Porque era um meio de transporte, era o meio de transporte daquela época para você transportar as coisas. E aqui você saía de casa com fé em Deus, caminhando com a certeza que ia ao fim do destino e que voltava, voltava tudo bem com aquela fé em Deus, da viagem. Como na ida, como a gente saía com essa tropa carregada e tinha que viajar até às três horas da tarde, mais ou menos, saía cedo, viajando até às três horas da tarde, porque você precisava se alimentar. Ou você levava o revirado, alguma coisa para comer a cavalo, andando, ou senão você apartava numa distância mais ou menos da tropa, que ia mais devagar ou ia

um pouco mais depressa, até que a gente conhecia os caminhos, na restinga você parava ali, fazia um café, fervia aquela água, fazia esse café, tomava um café. Quando os outros se aproximavam, chegavam, você já tinha tomado o café, os outros ficavam tomando, comendo e você ia tocando a tropa. Não parava até chegar às três horas da tarde, que aí seria descarregada, num galpão ou numa restinga, onde fazia o pouso. Então, ali a gente descansava, tomava chimarrão, conversava, tratava da..., pensava na viagem do dia seguinte, contava “causos” e descansava. Fazia também pra jantar um arroz carreteiro, me lembro muito bem o arroz, cortava a linguiça, fazia e jantava aquilo. Às vezes se encontrava outros tropeiros também, de outras localidades, ficava contando “causos”, conversando até mais tarde um pouco. Às vezes surgia algum negócio de mulas, trocavam, isso tudo acontecia. Eles se agradavam de um determinado muar daqueles e, às vezes, a gente recebia dois por um, depende, todo negócio seria feito ali também.

Sônia: Seu Antônio, e o senhor se lembra da sua primeira viagem?

Antônio: Me lembro!

Sônia: Fala um pouquinho dessa sua primeira viagem...

Antônio: A primeira viagem foi de madrinheiro, eu estava ansioso porque eu queria conhecer, né. E não tenho muita coisa a contar, além de admirar as paisagens do morro, da serras que tinha que descer, do mar, que eu avistei de longe, tudo isso. É, não tenho muita coisa a falar.

Sônia: E, seu Antônio, o que vocês traziam de mercadorias, os caminhos que vocês percorriam?

Antônio: Bom, nós saímos daqui da parte do Juá, desta zona do Juá, e atravessávamos os Campos da Serra e descia no Morro Azul, descia no Morro Azul, porque lá tinha muita cachaça. Então, a gente levava vinho, levava aqueles corotes de vinho, que pegava na colônia aqui, carregava e levava para lá, e vendia e comprava cachaça, trazia cachaça de lá. Outras vezes, nós íamos na Praia Grande. Na Praia Grande tem arroz, açúcar, farinha de mandioca, tudo isso trazia, e seria vendido pra cá, para os armazéns, principalmente a..., outras vezes íamos em Três Forquilhas. Ali, aquele caminho das Três Forquilhas que era interessante. Agora não sei, acho que não tem mais, mas a gente para descer não podia se encontrar com a tropa que subia, porque não tinha lugar e, se acaso acontecesse isso, algumas mulas iam morro abaixo. Então, a gente tinha que, o madrinheiro principalmente segurava, tinha os pontos de segurar, a gente dava, eles davam um tiro lá embaixo, quando começava dar dois tiros a gente sabia que a tropa vinha subindo, e a gente também respondia aqui, ficava parado, né, até passar. Quando passasse aquela, a gente começava a descer de novo, ia no novo lugarejo, tinha diversos..., como é que se diz?, descansos, diversos lugares para que a gente ficasse esperando os outros, para que não houvesse nada, porque de maneira nenhuma

podia se encontrar uma mula com a outra, porque era uma picada era uma subida que, você ia subindo aqui, fazia a volta de quinhentos metros e voltava de novo. Você olhava e estava em cima de você, o outro cargueiro estava em cima de você, até cumprir todo o morro, subir esse morro. Depois de subido o morro, você pegava ainda uns quinze, vinte quilômetros, de estrada de chão, de morro, para sair no campo.

Sônia: Seu Antônio, quando vocês paravam à noite para descansar, para jantar, o que vocês mais conversavam? Que casos mais comentavam?

Antônio: Ah, saía “causos” diversos. Saía casos de assombração, saía casos de, saía todo o tipo de casos, carreiras, carreiradas, contadas anedotas de “causos”. Ah, ainda me lembro de um que contou um “causo”, “causo” não é uma coisa verídica, eram anedotas, mas para passar o tempo, ele contou que saiu ele e um, saiu o macaco e o carneiro viajando no mato, pegaram um mato muito longo, assim, e que estava anoitecendo e chegaram numa casinha de picada de pau em pé, e disse: “Vamos posar aqui”, disse o macaco Careca, caso de anedota, estou repetindo. Aí diz que o cara, o macaco disse: “Então, vamos”. Mas, antes de chegar nessa casa, tinha um tigre morto, um tigre muito grande morto. Aí ele pegou, o macaco, e cortou a cabeça do tigre e botou na mala de revirado. Então, o carneiro disse: “Por que faz isso? Nós vamos chamar esses bichos e eu estou com medo que eles vão me pegar”, aí o macaco disse: “Não, vamos levar, vai nos servir para viagem”. Então nessa, que eles estavam na casa, nesse paiol lá, que foram fazer a refeição, quando eles estavam para fazer a refeição, entraram dois tigres muito grandes, e os tigres olharam um para o outro e disseram assim: “Tem revirado hoje, tem carneiro, carne de carneiro”. Aí o camarada ficou frio, aí o macaco foi, pegou aquela cabeça de tigre, e disse “Vamos comer a cabeça de tigre”. Aí os tigres olharam um para o outro e ficaram com medo. Disseram: “Por que vocês caçaram esse bicho?”, o macaco respondeu: “Tu sabe que nós andamos fazendo? O meu companheiro aqui, o meu compadre carneiro, é especialista em matar, encontramos esse aí e ele tirou a cabeça. E é o que nós vamos fazer”. E os tigres ficaram com medo. Aí para dormir, o macaco subiu numa coisa de vara assim, um sobrado de vara, e com muito custo ajudou o carneiro a subir lá para cima, e o carneiro com muito medo porque os tigres estavam embaixo e, se ele caísse, os tigres podiam pegar. Ele foi, chegou e disse: “Eu estou com vontade de urinar”, “Mas não pode descer!”, “Então tu..., urina na lâ, urina na lâ!”. Então, ele foi e fez assim, ele ensinou ele a fazer assim e abriu as varas. Ele caiu lá embaixo. Tinha um tigre que era pitoco e o outro não. Aí o macaco gritou: “Pega o pitoco, que é mais gordo, compadre”. Então, eram essas histórias que muito contavam... Tinha várias histórias de carreiras, tinha negociações de mulas também, como eu já falei. E era uma boa prosa.

Sônia: O senhor que contar mais um caso, seu Antônio?

Antônio: Não, pode ir me perguntando.

Sônia: O senhor, como tropeiro, também vinha para Caxias?

Antônio: Vinha!

Sônia: Como é que era chegar aqui? Que casas de negócio tinha?

Antônio: Aliás, aqui para Caxias, veio meu pai, meu pai é que vinha. Eu não me lembro. Eu via que ele falava que chegava muito nos Pieruccini, nos Zatti, para fazer compras. Eles compravam, levavam para a bodega lá, compravam sal, arame..., tecidos, todas essas coisas eram transportadas por mulas porque não tinha outra coisa. Mais tarde, então, teve carreta também. Isso estou falando do tempo do meu pai. Aí eu não sei precisar o nome dos comerciantes, não sei bem.

Sônia: E das carretas, o senhor lembra de alguma coisa, seu Antônio?

Antônio: Das carretas, das carretas eu me lembro de pouco também. Isso aí, porque eu não fiz muito esses negócios das carretas.

Sônia: O senhor trabalhou mais com caminhão?

Antônio: É, depois eu voltei para o caminhão. Mas antes, falando das tropas, eu me lembro que vinha vindo com o meu pai e mais um outro companheiro, e paramos no campo, e o tempo ameaçava neve, ameaçava neve. E, no outro lado da quebrada, iam indo outros tropeiros e gritaram para o meu pai: “Não fiquem no tempo, porque vai nevar, vão para o Oswaldo Machado!”, tinha que subir o morro e ali nós tínhamos que fazer mais doze quilômetros, então o meu pai disse: “Não, ficamos aqui que é bom o lugar, é uma restinga boa”. Então, ali descarregamos. “Não vai nevar, pode cair uma geada”, ele disse. Aí descarregamos a tropa, fizemos o nosso jantar e fomos dormir. Quando foi de madrugada, o meu pai acordou já com uns pingos de neve, que vieram umas nuvens assim e depois clareou a lua. O meu pai disse: “Vamos aproveitar esse momento e vamos carregar a tropa”. Aí se puxa a égua madrinha, o mular vem tudo atrás, então, pegamos a égua madrinha, amarramos ali e começamos a pegar as mulas, enquanto elas comiam um pouco de milho, nós fomos escangalhando, “E vamos ligeiro!”, e começou a nevar, começou a nevar, e nós nos mexemos cada vez mais, e começamos a carregar, eu e o outro com uma bruaca do lado e meu pai com a outra, que nós éramos gurizotes, não podia... Mas assim foi! Os últimos cinco cargueiros tinham dois centímetros de neve em cima de cada ligar, pronto. Saímos dali, subimos o morro, no subir o morro, do outro lado da restinga, uma mula caiu, nós tínhamos que ajudar a levantar, levantamos e fomos embora por Oswaldo Machado. Passamos numa coxilha, doze quilômetros. Nevava neve forte, aqueles capuchos de neve, entrava pela capa, assim pelo ponche. Chegamos lá no clarear do dia, aí tinha os outros que na noite anterior tinham gritado para nós que não

ficássemos no campo, estavam lá para ajudar, então nos ajudaram. Nevou quinta-feira desde madrugada, toda a noite, sexta-feira, sábado começou a acalmar. Acalmava um pouco e vinha neve de novo. Domingo ficou bom. Depois disso, no derreter aquela nevada, que ficou alto do chão, caía galho de pau lá no mato, que a gente via, estava no galpão, né. Passamos todos aqueles dias no galpão, lá, conversando, fazendo joguinho, tinha outros tropeiros, passamos uns dias bons. Aí para vir para casa, os rios enchiam, porque derretia aquela... [neve], demoramos uns quantos dias na viagem. Esse foi um fato que marcou bastante. Teve um outro também, logo depois, noutras viagens, que vinha eu e outro rapaz, que nós vínhamos vindo e terminou a..., estava terminando o charque, aquele revirado, porque atrasamos um pouco a viagem, tinha que esperar carregar a tropa lá em baixo, então demorou um pouco. Aí fomos na casa de um fazendeiro pedir para caçar um tatu, porque tinha muito tatu ali, ele disse: “Não senhor! Não quero que cace os bichinhos!”. Foi lá, pegou uma manta de charque e nos deu. “Quanto é? Nós queremos pagar”, “Não custa nada, só que não matem os bichinhos. Não matem os tatus”. Esse foi uma fato também que...

Sônia: Quem era esse fazendeiro, seu Antônio?

Antônio: Era, era...

Sônia: Seu Gaspar, eu acho.

Antônio: Vou ver se eu lembro agora... Me deu um branco.

Sônia: Não, tudo bem.

Antônio: Muito falado, muito rico o fazendeiro. Gaspar Assis! Era Gaspar Assis.

Sônia: O senhor se lembra de outras coisas sobre ele, seu Antônio?

Antônio: Sobre o fazendeiro esse, eu só ouvia contar que ele não queria que caçasse lá. Os veados vinham comer o sal, vinham no campo, na mangueira, junto com o gado. Eram mansinhos assim os bichos no campo dele, ele não queria que matasse.

Sônia: E das casas de pouso, seu Antônio?

Antônio: Casa de pouso, mais eram galpões, né. Quando nós não posávamos na restinga, no campo com barracas, a gente pegava as casas de pouso. Lá sempre tinha bastante tropeiros. Chegava ali, a gente pagava um, nem me lembro quanto, para deixar a tropa do tropeiro no potreiro. E parava ali e noutra dia saía cedo e era isso.

Sônia: E o senhor se lembra de alguma casa de pouso daqui ou da região perto de Ana Rech, por aí?

Antônio: Eu me lembro mais da casa de lá de..., tinha aqui na Boca da Serra também.

Sônia: Dessa da Boca da Serra, pode falar.

Antônio: Tinha na Boca da Serra, lá tinha casa de pouso. Tinha bodegas, mas isso também era no tempo do meu pai, eu vinha madrinheiro. A vez que eu tomei a iniciativa, que fiquei eu de tropeiro, foi uns dois, três anos, que eu estava contando, essa do senhor, esse que nos deu a manta de charque lá. Ali já era o meu pai, né, eu vinha de madrinheiro. Ali a gente pousava, pagava o pouso para eles. Eles tratavam bem a gente.

Sônia: Seu Antônio, e de caminhões, o que o senhor lembra?

Antônio: Ah, caminhões, eu trabalhei um pouco com caminhões também. Caminhão, eu me lembro de alguma viagem, de diversas viagens que a gente fazia e ficava, ficava, às vezes, na estrada ruim, atolava naquilo, tinha que por corrente, dificuldades para sair nas estradas ruins, principalmente com chuva, pegava chuva na estrada. Isso tudo dificultava, né? A gente ia pegando cargas nos postos onde a gente comprava a mercadoria, ia até o fim e depois voltava pegando as mercadorias. Eu acho que era isso.

Sônia: E seu primeiro caminhão, seu Antônio?

Antônio: Não, eu tive um caminhão, era um Ford 46, era daqueles antigos.

Sônia: Fala um pouquinho desse caminhão? Do seu contato com o caminhão?

Antônio: Olha, dava um pouco de trabalho. Às vezes falhava, tu tinha que se virar e arrumar. Eu uma vez fui buscar um milho, eu estava me lembrando disso, fui buscar um milho numa roça que eu tinha lá no Muniz e me esqueci de por a gasolina. Isso foi uma coisa marcante também que..., eu cheguei lá, carreguei, saí daqui de Caxias e fui para casa, tinha gasolina lá, e esqueci de por a gasolina no caminhão. E desci, entrei naquelas estradas ruins de morro e desci para os lados de Santa Cruz. Cheguei lá carreguei e cadê a barraca? Tinha esquecido da barraca. Dei uma pegada no morro, deu uma falhada, não foi!, “O que tem esse caminhão?”, fui fazer exame, liguei aqui e liguei ali, falta de gasolina! Bah! Peguei a lata e desci o morro. Em Santa Cruz tinha uma serraria para o outro lado. Fui lá e pedi, falei com o motorista se ele me vendia um pouco de gasolina. Ele disse: “Não vendo, não posso vender. Não dá para tirar a gasolina”. “Eu te pago o dobro, te pago o triplo, te pago mais”, “Não, o motorista não pode sair e esquecer de por a gasolina”. Aí eu fui, saí muito triste, subi o morro, tive que fazer um quilômetro de morro acima, arrumei um cavalo emprestado e mandei o peão, uma hora e meia eu acho, uma hora e meia levava para vir em casa e pegar a gasolina. Aí ele trouxe, foi, pegou e chegou à meia-noite, já tinha dado uma chuva forte, dei uma pegada, não foi mais, só barro. Voltei para casa. Levou oito dias chovendo! Quando eu voltei lá, o caminhão não queria pegar, tive que tirar as velas do caminhão, tirar distribuidor, limpar, arrumei,

consegui! O milho estava nascendo em cima do caminhão [risos]. Aí fui para casa, nós tínhamos um negócio de porcos lá, peguei aquilo e descasquei aquele milho que dava e fui dando para os porcos. Passou tempo, nessa mesma história do caminhão, eu estava para Porto Alegre, passei por São Francisco de Paula no domingo, porque era sede, e eu tinha umas coisas para fazer em São Francisco, então deixamos um parente encomendado para ele fazer esse serviço quando eu voltasse, porque eu sabia que quando eu voltasse estaria fechado, era sábado à tarde ou domingo, principalmente a prefeitura. Chegamos em São Francisco, pegamos aquelas coisas que o rapaz tinha pago para mim e vim embora. Peguei um atalho e saí numa estrada que vai por Canela. Tinha um caminhão parado, fazendo força e não ia. Peguei e disse: “Companheiro, o que aconteceu?”, “Falhou caminhão, não vai!”. Aí fomos trabalhar, fomos ver o que tinha. Era o distribuidor e não me lembro mais o que era, velas. Mas era domingo, estava longe de Canela, tinha dez, doze quilômetros. também, era no Saiqui. Eu disse: “Não, vamos lá em Canela, que tem uns rapazes amigos meus, que eles têm uma oficina e eles vão abrir para ver as peças que faltam”, “É, mas o caminhão está com carga!”, “Não tem importância, um amigo, um caminhoneiro, é para servir o outro”. Fui embora para lá. Cheguei lá, eles estavam na missa. Esperamos sair da missa e disse: “Moacir, preciso disso e isso”, “Não, vamos lá então”. Aí nos forneceu, abriu, fez esse favor para nós. Voltamos lá, fomos lidar de novo, colocamos de novo, fiz pegar. Pegou! Aí ele disse: “Quanto eu lhe devo?”, e eu, “Não, um companheiro é para ajudar o outro. Outra vez eu estou na estrada e tu também pode me ajudar!”. É que eu conhecia o dito cujo. Era ele! Eu conhecia, mas não quis judiar dele. Eu só levei na flauta. Eu disse: “Não, um companheiro é para ajudar o outro, é para servir ao outro. Uma outra vez pode ser comigo e você também vai fazer o mesmo. Mas nisso eu vou te contar uma história, há tempo, eu cheguei no fundo do Muniz, fui pegar um milho e, por coisa da profissão, sei lá de quê, esqueci de por gasolina no caminhão. E aí desci lá embaixo na serraria, estava o cara, e eu pedi, e eu ofereci o triplo por um litro de gasolina para eu não deixar aquele milho ir fora e escapar da chuva, porque a estrada era ruim, depois, se chovesse era difícil. E ele não me forneceu!”. O cara ficou nervoso assim, pegou a carteira, quis me entregar. Eu disse: “O que foi cara? O que houve?”, “Não houve nada”. Mas eu não apontei para ele: “Foi tu, meu amigo. Foi tu que me fez isso!”. Eu não fiz isso, eu só contei a história e disse: “Não, vai com Deus, vai embora”. Essa foi outra história, também, que teve na minha vida.

Sônia: E, seu Antônio, entre os tropeiros e mesmo entre os caminhoneiros, como é que era a relação de amizade?

Antônio: Muito boa.

Sônia: Esse no caso, esse caso era?..

Antônio: Esse foi um caso estranho. Um caso de exceção, porque os outros todos eram bons. Às vezes se encontrava um com o outro, dava assistência e acompanhava. Não se ficava sozinho, não deixava.

Sônia: E entre os tropeiros e os comerciantes?

Antônio: Era bom, era boa a relação, muito bom. Inclusive, entre os tropeiros, quando a gente descia daqui para lá, para Morro Azul, principalmente Praia Grande, que fica lá perto do [rio] Mampituba, que faz a divisa com..., em cima da serra já tinha os caras a cavalo, os representantes das firmas, para encontrar a gente, saber o que a gente levava para vender, eles queriam comprar e vender. Eles vendiam açúcar mascavo, esse açúcar amarelo, e rapadura, tudo isso, farinha de mandioca, como eu já falei, arroz... Eles, então, já levavam com preço melhor. Então, a gente já podia fazer uma pichincha de preço de compra, era muito bom. E lá, quando a gente fazia o negócio com eles, que a gente ia sair, eles davam o revirado para não precisar mexer na, porque os cargueiros ficavam todos arreitados, tudo certinho, não se mexia porque era peso certo. Eram três arrobas em cada bruaca, vinha uma mula com seis arrobas, noventa quilos, mas alguma sobrecarga que a gente tinha, então, eles davam para nós. Outra coisa interessante também que aconteceu comigo, nas primeiras viagens que eu fiz como comandante da tropa, eu cheguei na casa do comércio de atacado, o tal Inácio, lá na Praia Grande, fiz negócio com ele. Ele tinha os caixões cheios de açúcar, e eu disse: “Eu quero vinte e três cargueiros de açúcar”, que era para trazer para os caras fazerem vinho aqui. Aí ele foi, fizemos o negócio, fomos fazer a carga, arrumamos tudo, quando fomos acertar, eu disse assim para ele: “Seu Inácio, a conta não... [falha na gravação] os cargueiros, tantas arrobas cada cargueiro, daria tanto”. Ele se enganou e cobrou menos de mim. E eu fui e ele disse: “Não, mas está certo!”. Ele tinha, estava meio nervoso, porque os outros tropeiros estavam lá e tinham ficado de pagar ele de uma viagem anterior. Eles chegaram, pagaram e queriam fazer nova compra e ele não queria vender para aqueles tropeiros lageanos, lá de Lages, não sei, daquela zona. E ele estava meio nervoso e ele me respondeu mal. Então eu disse: “Tudo bem, mas eu só quero que o senhor saiba que o senhor se enganou com um cargueiro. Eu tenho que lhe dar mais”. Ele parou. E o outro senhor de Bom Jesus disse assim: “Menino, não pague, porque ele não quis lhe aceitar. Não pague isso!”, “Mas o meu pai me ensinou que devo ser certo, devo ser certo. Eu não tenho nada com ele, tenho que ver com a minha consciência”. Aí ele acertou e me deu mais umas coisas de presente por cima do negócio. Ele pegou mais uns quilos de açúcar, arroz e coisa, “Leva mais isso, pode precisar na viagem”. Ele ficou meio desengabado, meio envergonhado com a ação dele, porque eu era um menino novo, de dezoito anos, e ele era um homem de idade.

Sônia: Seu Antônio, o que que é ser tropeiro pro senhor?

Antônio: Ah, ser tropeiro..., para mim ser tropeiro..., vamos ver se definimos esse ser tropeiro, porque é difícil. Por exemplo, o que é o tropeiro é uma coisa, e o que é ser tropeiro, para mim, é outra. O que é um tropeiro é aquele que conduz tropas de mulas, muares, transporte, coisas que não deixam de ser algo disso. Mas tem algo mais em ser tropeiro, ser tropeiro tem que ser um conhecedor, um que saiba lidar com tropa, que saiba lidar com comércio, que conheça a estrada, que saiba quando ele pode agir com as coisas. Por exemplo, me recordando agora da viagem que eu fiz e que saí de..., subi a serra e anoiteceu, eu tive que fazer até à meia-noite, com tropa carregada com sessenta, noventa, cem quilos, e chegar lá, e saber descarregar essa tropa, e não tirar o último que está cobrindo o lombo da mula porque, se está quente, ela incha toda, no outro dia não dá mais. Tem que ter todo esse conhecimento. Esse para mim é um tropeiro.

Sônia: E a sensação de estar viajando, seu Antônio?

Antônio: Era muito boa.

Sônia: O que é isso?

Antônio: Era muito boa. Era muito boa a vida no sol. Era muito bom, chegar assim na restinga, descarregar e ficar no mato, tomar um chimarrão ali descansado, tomar uma cachacinha, uma caipirinha, contando “causo”. Era bom, era boa, uma sensação boa de trabalho.

Sônia: A coisa da liberdade?

Antônio: É, a liberdade.

Sônia: Falou muito bem... Ana, tu terias mais alguma coisa?

Ana: O nome do pai dele, seu Antônio? O nome do seu pai?

Sônia: Ah, é!

Antônio: Vou falar primeiro o nome do meu avô, que era Augusto Rodolfo, mas o nome era Rodolfi, o nosso nome. Através de tabelionato, de escrivão, não sei de quê, que trocaram esse nome. E se não me recordo, se não me esqueço, no tempo da guerra, eles prenderam meu pai aqui em São Leopoldo com os primos dele, que eram de Antônio Prado. E lá eles, o meu pai conversava bem o português né, então eles dispensaram ele. Mas naquilo, eu não me lembro, parece que eles trocaram também. Tinha que ser Rodolfo, não podia ser Rodolfi, não devia ser nome italiano, mas o meu avô era Agostini Rodolfi. Então, meu pai era Aécio Rodolfo, ou Rodolfi, mas...

Sônia: O senhor gostaria de falar um pouquinho dele, seu Antônio?

Antônio: Do meu pai?

Sônia: É.

Antônio: É, o meu avô naquele tempo estava aqui em Antônio Prado, ele fazia também a tropeada dele, que era com, levando vinho para Torres e trazia cachaça. Aí já não eram mais bruacas, eram barris, é um outro tipo de vasilhame, né. Então, para levar vinho daqui para lá e trazer cachaça. E ele viu, na metade do caminho, um lugar bonito, onde ele parava e ele comprou e fez uma bodega lá, meus *nonos*. Fez uma bodega, e ali ficava mais fácil para ele. E ele começou a negociar com aqueles camponeses lá. A minha *nonna* fez uma igrejinha, fazia festas. Então, nestas festas vinha muita gente, e eles começavam a..., assim, com outras palavras, meio “doutrinar” aqueles gaúchos antigos lá, faziam terços, tinha missa de seis em seis meses, que o padre ia lá a cavalo de seis em seis meses, faziam essas festas, e era assim. Então, era o movimento que ele tinha, porque ele... O meio de transporte era a carreta e essas mulas. Aí o meu pai, o meu pai seguiu, seguiu o exemplo, ficou com a bodega e com tropas também. Meu pai era um homem muito disposto, ele era um homem que sabia lidar com tropa, sabia lidar com gado, ele era um domador. Ele domava burros, ele ensinava como tinha que fazer para amansar aqueles burros. Como eu falei anteriormente, tinha que laçar, botar o sal, bolear e apertar com a barrigueira, deixar bem apertada para o bicho ir acostumando e sentindo, para depois ter utilidade, era isso. Depois foi terminando os negócios dos tropeiros, porque não havia mais vantagem, porque vieram os caminhões e diminuía a distância, né. O caminhão é mais rápido também, saía até mais barato porque ia mais ligeiro. Não mais barato, mas mais fácil, né. Enquanto tu ia fazer uma viagem dessa, tu ia num dia lá, em dois dias estava de volta. E me aconteceu isso. Eu fui com um caminhão para lá, em Três Forquilhas, descendo a Serra do Pinto, depois que eu desci, os caminhões antigos tinham o tal braço da direção, então ele escapou no fazer uma volta, e eu ia carregado com cem sacos de farinha de trigo em cima, e ele foi bem na beira o perau, e parou. Depois como para voltar? Porque, ou ele tirava esse braço da direção, ele saía o..., da trava, onde tinha a borracha que levava o líquido do freio cortou, então eu fiquei sem nada. Sem direção e sem nada! O caminhão ia para onde queria. E ia pesado! Foi numa árvore, felizmente, já tinha descido na serra, aquela serra da braba, foi lá em baixo, no fazer a volta numa estrada, tinha mais ou menos três metros de altura, ele ia cair. Aí parou numa árvore, e eu disse para ele: “Corre e põe uma pedra na tração traseira!”. A primeira que ele pôs, escapou por cima. Então, eu disse: “Vou eu”. A segunda, aí comecei encontrar, encontrei aquela árvore mais forte, segurou um pouco, ele botou uma pedra e parou. Aí vinham os caminhões, os outros com madeira, parei, botamos um cabo de aço e puxamos. Peguei, amarrei aquela direção com arame e fui até a uma oficina, porque eu fiquei sem freio, mas fui embora. Deu só um susto, mas não foi nada. Isso também é outra coisa que eu me lembro.

Sônia: Então, seu Antônio, tem mais alguma coisa que o senhor gostaria de falar?

Antônio: Olha, eu não me lembro, talvez tenha, mas a gente vai falando, eu não me lembro. Talvez surgisse, mas agora estou....

Ana: O casamento com a dona Isaura? O senhor teve comércio aqui em Caxias também, seu Antônio?

Antônio: Ah, sim, falando, continuando a minha vida, então aí sim. Depois eu fui para o exército, servi ao exército, aprendi muita coisa lá no exército também. Voltei depois. Eu e a Isaura, nós éramos namorados de guri, de criança, porque ela ia para escola, estava no mesmo colégio, né, o pouco tempo que eu estudei, se encontrava. Depois nos encontramos lá, casamos, ficamos morando, fiquei morando com o meu sogro um pouco, também trabalhando com esse caminhão. Depois foi vendido aquilo lá e viemos para Caxias. Aluguei ali onde eu estou, em frente, alugado, pus um armazém. Depois disso comprei ali e construí. Continuei trabalhando com mercado, até há poucos anos atrás, e agora aluguei a sala e estou aposentado. Também, com os meus filhos, como eu não tive essa oportunidade, não digo oportunidade, mas era uma coisa assim, seguiam assim aqueles antigos, principalmente lá do campo, eles chamavam alguém para ensinar um pouco e se sabia escrever um bilhete, fazer as quatro operações, ali já tinha que parar e trabalhar. E eu senti necessidade disso, vim para Caxias, e deixei meus filhos estudarem. Todos eles têm curso superior: o Moacir é engenheiro operacional, o Clóvis é engenheiro, está em Porto Alegre trabalhando na Universidade Federal, o João Roberto tirou economia, a Terezinha é médica, trabalha em Porto Alegre, a outra minha filha está tirando administração de empresa, tirou uma licença agora porque ela está de nenê, ela trabalha no banco... E agora nós estamos tranquilos.

Sônia: Que bom, seu Antônio. Então tá, muito obrigada. Se o senhor lembrar mais alguma coisa e que gostaria de falar?...

Antônio: Eu não sei se eu me lembro de alguma coisa. Tem tanta coisa que a gente esquece, né. Eu que agradeço a vocês essa oportunidade.

Transcrição em: 13 de março de 1996.

Por: Maria Beatris Gil da Silva

Revisão em: 02 de fevereiro de 2011, 10 de janeiro de 2025 e 10 de março de 2025.

Por: Sônia Storch Fries, Graciela Deon Rodrigues e Fabiana Zanandrea,

Duração: 43 minutos.

Observação: